

PARA ALÉM DO BINARISMO: GÊNERO, SEXUALIDADE E TRAUMAS EM BOY MEETS MARIA – UMA CRÍTICA PSICANALÍTICA

Maria Clara Pitanga¹

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa as complexas construções de gênero e sexualidade, bem como os impactos da violência sexual na subjetividade, a partir dos personagens centrais do mangá *Boy Meets Maria*, de PEYO. Ambientada em um colégio que valoriza o teatro, a narrativa apresenta Taiga, um estudante recém-chegado que se encanta por uma atriz de uma apresentação escolar, que ele conhece como Maria. A partir da trajetória desses personagens, buscamos refletir sobre a fluidez das performances de gênero e as marcas profundas de experiências traumáticas na formação do sujeito.

METODOLOGIA:

A presente pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica da obra *Boy Meets Maria*, contextualizando-a e aprofundando-se na compreensão das questões estruturais que envolvem os dois personagens principais no que tange às temáticas de gênero e sexualidade. O objetivo geral é analisar a constituição desses personagens sob a ótica da psicanálise e dos estudos queer. Para tanto, foram estabelecidos dois objetivos específicos: (1) Apresentar as infâncias dos personagens, discorrendo sobre como os acontecimentos traumáticos influenciaram suas noções de sujeito; e (2) Analisar tais influências com base na psicanálise e em teóricos dos estudos queer, estabelecendo um diálogo crítico entre essas abordagens

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A divisão do estudo foi feita a partir da análise dos dois personagens principais do drama. No qual, começa caracterizando e discorrendo acerca do personagem Taiga Hirosawa, após isso, é analisado o personagem Yuu Arima, mais conhecido como Maria.

¹ Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal da Bahia – UFBA, mariacларapitanga777@gmail.com

TAIGA HIROSAWA

Sua infância revela uma admiração inicial pelo pai, visto como um herói. Contudo, essa percepção é quebrada ao presenciar a mãe sendo agredida, um evento que o leva a adotar uma postura “superficial” como mecanismo de defesa, acreditando que isso minimizaria o sofrimento e as expectativas.

Após estas questões, é relatado um pouco sobre a infância dele, mostrando assim como ele sempre admirava o pai, e o via como um super-herói, igual aqueles que passavam na televisão. Entretanto, acontecimentos depois, Taiga vivencia um momento em que ele vê a mãe chorando depois de ter sido agredida pelo marido. Este ocorrido mudou o modo como Taiga vive e ver o mundo, no qual ele percebeu que era melhor agir superficialmente, visto que o superficial machuca menos e cria menos expectativa sobre as coisas.

Nesse contexto, as contribuições de Freud (2016) sobre a importância do papel parental na formação da personalidade e a persistência de traumas infantis no inconsciente são pertinentes. Embora a teoria freudiana do Id pudesse sugerir desejos reprimidos de agressão, Taiga, paradoxalmente, manifesta um forte desejo de proteger os outros, de se tornar um “herói”. Essa “síndrome do herói” pode ser interpretada como uma manifestação do superego, refletindo o desejo de proteger a mãe e a influência dos arquétipos de heróis de sua infância.

Mostrado muito pelo contrário, o que é notado do personagem, é a vontade de proteger os outros, de se tornar um herói e salvar as pessoas. Algo do superego - uma parte da personalidade que representa a visão social e familiar sobre como agir, essa parte representa o objetivo moral de como o indivíduo quer ser - dele, considerando o fato de que a síndrome de herói sentida pelo personagem, está relacionado há como ele queria que a mãe dele fosse protegida naquela situação abusiva com o marido, além de estar representando boa parte dos filmes infantis que ele assistia na infância, que sempre o herói salvava a mocinha. Estas questões o inspiraram a tentar ser desse modo.

O que é bastante visto ao ser voltado no presente na história, que mesmo após descobrir que o Arima era um menino, Taiga continuou apaixonado por ele, pois independentemente de como Arima se identificasse, isso não iria fazer diferença para Taiga, pois o que importava e chamava a atenção, era como o Arima atuava com paixão e era um bom ator.

Apesar de Taiga não definir qual seria a sua sexualidade, apenas que ele gosta do Arima. Nos levando a debater sobre a necessidade imposta pela sociedade de colocar a sexualidade em uma norma e nomeá-las. Por isso, a partir de Preciado (2022b) defende a contrassexualidade como modo de estar fora dos rótulos criado e se tornar livre para performar sua sexualidade sem precisa entrar em alguma norma, representando assim o Taiga.

O importante “[...] como nas demais identidades de gênero e orientações sexuais, o que vale, ou deveria valer, é a forma como as próprias pessoas se identificam e não qual a categoria que o outro vai utilizar para enquadrar o gênero e sexualidade da pessoa.” (Colling, 2018, p. 49)

YUU ARIMA

Para compreender Yuu Arima, é crucial analisar sua infância, marcada pela imposição de gênero por parte da mãe. Desejosa de ter uma filha e impossibilitada de ter mais filhos, ela vestia Arima com roupas “femininas” e mantinha seus cabelos longos, levando-o, na infância, a acreditar que era uma menina cisgênero, apesar das dúvidas em relação à sua genitália.

Aos oito anos, a vida de Arima é drasticamente alterada por um abuso sexual perpetrado por seu professor. Este trauma o impulsiona a performar de forma “masculina”, embora sua paixão pelo teatro — herdada da mãe — o leve a continuar atuando apenas em papéis femininos, pois a atuação masculina o remetia ao agressor.

Desse modo, no momento representado da obra, em que ele já é um adolescente no ensino médio, é visto o modo em como ele se sente sobre si próprio, e como ele não consegue se identificar apenas como um gênero, já que possui sua versão feminina e masculina em si. Ao mesmo tempo em que atua como mulher em apresentações, na vida pessoal, ele performa o “seu eu masculino”. “Todos os corpos e gêneros tem uma história, e a binariedade como uma normatividade sociocultural eurocêntrica define e restringe os destinos de muitos deles mundo afora” (Vergueiro, 2018, p. 51)

O fato de o Arima ser uma pessoa que está descolada com o regime binário, é mostrado de forma clara. Mostrando também o bullying sofrido por ele pelos colegas por essa questão, o fazendo se sentir mais inseguro consigo mesmo. Já que “[...] a sociedade impõe o que considera uma linha coerente entre essas dimensões, mas na prática muitas pessoas não seguem essa linha. São essas pessoas as que mais sofrem com os preconceitos causados pela falta de respeito à diversidade sexual e de gênero.” (Colling, 2018, p. 27)

Levando em consideração ao contexto psicanalítico e da psicologia normativa desta questão, vemos que essas teorias “[...] dão um sentido ao processo de subjetivação de acordo com o regime da diferença sexual, do gênero binário e heterossexual, toda sexualidade não heterossexual, todo processo de transição de gênero ou toda identificação de gênero não binária dispara uma proliferação de diagnósticos.” (Preciado, 2022a, p.32) em que a partir do momento em que o indivíduo não se enquadra no padrão heteronormativo-binarista-cisgênero, ele acaba

se tornando um ser patologizado, e que é necessário investigar o trauma que causou esta inversão”

É importante ressaltar que “inversão” e “invertido” em Freud (2016), pai da psicanálise, seria aquilo que não é hetero e fora da “normalidade”. Segundo ele, todas as práticas sociais fora do intuito de reprodução, ou seja, com o foco no prazer, são consideradas como uma prática perversa.

Assim como Preciado (2022a) aborda, a psicanálise tem o costume de estereotipar aquilo que as pessoas são, e se forem diferentes do que é o “normal”, é feito diversas análises sobre como aquele indivíduo tem de algum modo, um trauma relacionado a isto ou alguma condição mental.

É notável que os acontecimentos da infância do Arima geraram certos traumas em sua vida, mas não ao ponto de ser o motivo concreto de ele não se sentir confortável no sistema binário de sua sociedade. Na visão freudiana, o motivo do Arima se sentir desse modo, seria pelo fato de ele ter desenvolvido neurose por causa dos traumas.

Neurose está relacionado como um mecanismo de defesa do inconsciente de reprimir conflitos traumáticos inacabados, que em sua maioria, ocorreram na infância. Nesse caso, esses acontecimentos principais da vivência dele, estaria relacionado com o estupro sofrido quando criança, além da sua relação com sua mãe narcisista.

Ademais, a análise da sociedade patriarcal, conforme Bhatt (2025), revela que “o próprio sexo é uma designação social, uma (frequentemente não consensual) categorização de um indivíduo para designar seu papel em sociedades inteiramente orientadas na supremacia masculina”. Bhatt (2025)² continua explicando que “As sociedades hierárquicas que organizam seus estratos sociais por graus de desumanização vão sempre ter reservas de não-pessoas precárias das quais os candidatos mais sexualmente exploráveis podem se tornar disponíveis àqueles no alto da cadeia alimentar.”³

Nesse contexto, Arima/Maria, por ser uma vítima de violência sexual, é marginalizado pela sociedade patriarcal. A contrassexualidade, proposta por Preciado (2022b), surge como um caminho para desconstruir as noções de sexo/gênero binárias e os rótulos impostos. Aceitar-se como um ser contrassexual implica em renunciar a privilégios e adotar uma liberdade de ação, o que, para Arima, representaria uma libertação das amarras do passado e das imposições sociais.

²that *sex* is itself a social designation, a (frequently nonconsensual) *labeling* of an individual to designate their role in societies wholly oriented around male-supremacy.

³ Hierarchical societies that organize their social strata by degrees of dehumanization will always have pools of precarious un-persons from which the most sexually exploitable candidates can be made available to those higher up on the food chain.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que as percepções de “eu” dos personagens Taiga e Arima, em *Boy Meets Maria*, são profundamente influenciadas por suas experiências de infância, mas suas identidades não são definidas exclusivamente por esses traumas. Conforme discutido, a não-conformidade com a sociedade binária heteronormativa não implica patologização, desafiando as abordagens psicanalíticas tradicionais que buscam justificar “desvios” através de traumas.

A obra de PEYO, e outras produções asiáticas, oferece um campo fértil para a compreensão das performances de gênero e sexualidade, com abordagens que demandam tanto crítica quanto reconhecimento de sua proximidade com a realidade. Reafirmamos que “Lutar por diversidades é lutar contra o binarismo eurocêntrico, contra a ideia de que as pessoas pertençam a uma ou outra categoria mutuamente exclusiva de gênero definida de formas objetivas e neutras” (Vergueiro, 2018, p. 52). Assim, *Boy Meets Maria* não apenas ilustra a complexidade da identidade e do trauma, mas também serve como um convite à reflexão sobre a necessidade de desconstruir as normas sociais vigentes.

Palavras Chaves: não-binariedade, sexualidade, performance, violência, artes.

REFERENCIAS:

- BHATT, Talia. 2025. Understanding Transmisogyny, Part Four: Penetrability. Substack. Disponível em: <https://taliabhatterwrites.substack.com/p/understanding-transmisogyny-part-e02>.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas). Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 6, n. 08, 28 fev. 2013.
- COLLING, Leandro. Gênero e sexualidade na atualidade. Bahia: UFBA/SEAD/UAB, 2018.
- NASSIO, Juan-David. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade, volume 1 - a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988
- FOUCAULT, Michel. Aula de 5 de março de 1975. In: Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEYO. Boy meets Maria. São Paulo: New Pop, 2022.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

VERGUEIRO, Viviane. Sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial. 1. ed. Brasília: Patê editorial, 2018.